

APRENDER A CONVIVER: A ESCOLA ROMPENDO OS LIMITES DA HISTÓRIA CONTRA AS EXPRESSÕES RACISTAS

Autora: Ana Maria Carneiro Almeida Diniz; Coautores: Flávia Meira dos Santos; Izaías Serafim Neto; Mayrla Ferreira da Silva; Ramires Vieira Gomes; Tiago Soares Vieira

(Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: ana_diniz_4@hotmail.com; flaviameira@hotmail.com; izaiasserafimneto@outlook.com; mayrlaf.silva2@gmail.com; ramiresvieirabc@gmail.com; thyagossoares07@hotmail.com)

Orientadora: Eliene Alves Fernandes;

(Universidade Estadual da Paraíba – Email: ajlnalves@hotmail.com)

RESUMO: A segregação e o preconceito raciais ainda estão bastante presentes na sociedade brasileira e, apesar da implementação de leis que visam coibir ou promover a conscientização acerca do racismo, ainda é possível verificar diversas situações que comprovam a existência e a persistência do racismo no Brasil. O presente artigo trata-se de um relato de experiências vivenciadas através do projeto de intervenção pedagógica “Aprender a conviver: a escola rompendo os limites da história contra as expressões racistas” desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa da escola Obdúlia Dantas. O projeto teve como objetivo compreender a diversidade racial e desenvolver atividades que estimulem a reflexão de forma a contribuir para conscientização dos alunos acerca de expressões cotidianas que constituem práticas racistas e de que estas, além de ferir princípios éticos e morais, também são consideradas crime previsto em lei. O presente texto, além das reflexões propostas por teóricos e estudiosos entre eles Fanon (2008) e Bhabha (1998) que tratam da construção histórica da diferença e do preconceito racial, bem como suas manifestações na atualidade, também expõe os decretos de leis constitucionais e educacionais envolvendo questões raciais. Além da abordagem crítica acerca do tema, o trabalho também mostra o êxito da articulação entre esse tema de relevância social e os conteúdos programáticos da disciplina como recomenda os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa. A experiência também contempla a presença da transversalidade para o ensino das mais variadas disciplinas, acrescentando-se a esta a interdisciplinaridade através do tratamento da abordagem de conteúdos referentes à disciplina de História, de Sociologia e de Filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo, Ensino, Relato, Cidadania, Língua Portuguesa.

1. INTRODUÇÃO

Compreendemos que, para os africanos e afrodescendentes, a construção de uma identidade descolonizada, livre da memória da escravidão, torna-se algo complexo, por tratar-se do ato de desfazer imagens que foram construídas durante um processo que durou séculos. Essas imagens disseminam um ideal de identidade pautada na alteridade que emerge na relação entre o colonizador e o colonizado.

As relações humanas são permeadas por imagens resultantes de processos de alteridade que sempre observam as diferenças, atribuindo-lhes um juízo de valor. Deste processo resulta os espaços de ambivalência que estabelecem uma relação desigual que se fundamenta num pretensão saber que, por sua vez,



legítima o exercício de poder do que se considerada superior sobre o outro observado. As imagens geradas provocam, em ambos, a criação de estereótipos que se mantêm vivos através da repetição que faz com que eles sejam perpetuados através do imaginário social e literário.

Essas repetições passam despercebidas no cotidiano social, pois o que antes, no período colonial, era propagado como verdade científica, após desmistificado enquanto ciência, passou a esconder-se por trás de expressões que denotam comicidade, de apelidos, de brincadeiras e até provérbios, perpetuando essas imagens e, conseqüentemente, interferindo nas relações sociais cotidianas.

Esse preconceito gerado através das repetições detém todos os envolvidos na prática de ações raciais num espaço ideal, tanto o branco que se considera e/ou é considerado e superior, quanto o negro ao ser considerado e/ou considerar-se inferior. Conforme afirma Fanon (2008, p. 27), diante de tal situação, pode-se constatar que “O branco fechado na sua brancura. O negro na sua negrura”. Dessa forma, observamos que, diante do racismo, os homens brancos e os homens negros estão presos a imagens que são fruto de produções de conhecimentos que asseguravam essa sobreposição do branco, o Eu europeu, em relação ao negro, o Outro africano.

A necessidade do desenvolvimento do projeto deve-se ao fato de que, no contexto escolar, é perceptível a presença de expressões racistas pautas em estereótipos construídos historicamente para os povos africanos e afrodescendentes, que negam a estes o seu direito a igualdade de tratamento em todas as esferas sociais.

O presente artigo relata as experiências vivenciadas através do projeto de intervenção pedagógica desenvolvido na E.E.E. Médio Inovador Obdúlia Dantas, localizado no município de Catolé do Rocha – PB, envolvendo a participação dos alunos das turmas 2º ano B do Ensino Médio, numa parceria entre escola e PIBID- Campus IV-UEPB. O projeto teve como intuito levar os alunos a reconhecer a presença do racismo no cotidiano da escola e, através de leituras e debates, serem conscientizados acerca do conceito de racismo e dos estereótipos gerados para os povos africanos e afrodescendentes ao longo da História.

Foram realizadas atividades que promoveram o despertar da criticidade do aluno para que este compreendesse, através da assimilação do conhecimento e sua interação com a realidade, que o racismo não tem razão de existir e que, além de ferir valores éticos e morais, constitui crime previsto em lei, com pena de reclusão.

O trabalho de conscientização faz-se relevante, pois é papel fundamental da escola formar cidadãos aptos a viverem em sociedade de



maneira harmônica, respeitando uns aos outros, observando os limites propostos pela lei que já adverte em Art. 1º, de maneira geral, que “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional e pela moral, a fim de que todos possam ter uma melhor qualidade de vida”. (BRASIL, 1989)

2. EXPRESSÕES RACISTAS E A CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOCIAIS PARA O HOMEM NEGRO

Em meados da década de 70, em pleno século XX, alguns países africanos travavam uma batalha pela libertação de seu território. Isso nos faz refletir que a descolonização é algo recente quando se trata das questões territoriais e que ainda é algo em processo quanto se trata de questões de identidade, de pensamento e de cultura. Os discursos acerca do africano e afrodescendentes ainda hão de percorrer um longo caminho até chegar a descolonização.

Compreendemos que isso ocorre devido ao fato de a suposta identidade dos povos africanos, veiculada através do imaginário social, ter sido constituída em um processo de alteridade que visava favorecer os povos europeus e justificar as várias formas de violências físicas e culturais que, por sua vez, resultam de uma violência epistemológica. Sabemos que, através da deterioração da identidade do homem negro, a soberania europeia era constituída, ou seja, a identidade do europeu passava pela constituição da identidade dos povos *descobertos*.

Assim, a irracionalidade do nativo dava luz à racionalidade do europeu, a selvageria do primeiro fazia da Europa uma civilização evoluída. Representados no imaginário social como apenas africanos, eles eram tomados de maneira generalizada, eram idealizados como nativos de um continente extenso, habitado por selvagens que possuíam os mesmos aspectos físicos e comportamentais.

No livro *Orientalismo* (2007), produzido por Edward Said, temos acesso a uma reflexão acerca dos saberes científicos produzidos pelo homem ocidental acerca dos demais povos. Segundo o pensador, esses saberes serviam para justificar o regime colonial em terras orientais. A identidade dos povos que não habitavam a Europa foi representada sob o signo do exotismo e da inferioridade nas literaturas ocidentais.

Os povos não europeus representavam o estranho e o insólito, essas características são frutos de relatos dos saberes ocidentais que despertavam o interesse geral e, segundo comenta Edward Said, passaram a ser investigados

pelas ciências em desenvolvimento da etnologia, da anatomia comparada, da história e da filologia. Além desse suposto conhecimento sistematizado, era acrescentado uma gama de literatura de bom tamanho produzido por poetas, romancistas, tradutores e viajantes talentosos (SAID, 2007, p.73)

São vários os elementos que contribuem para construção e perpetuação dos estereótipos que envolvem o homem negro e o homem branco ao longo do processo colonial e, posteriormente, pós-colonial. Precisamos compreendê-los em sua formação e essência para que possamos combatê-los de maneira racional e fundamentada. A análise desses elementos encontrará também respaldo no pensamento do escritor Franz Fanon (2008).

Bhabha (1998, p.117) nos explica que o estereótipo é uma simplificação falsa de representação de uma dada realidade porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença, constitui um problema para a representação do sujeito nas relações sociais. O estereótipo requer, para uma significação bem-sucedida, uma cadeia contínua e repetida de outros estereótipos.

Por isso, a necessidade de repetição das mesmas histórias contadas sobre um determinado elemento da identidade cultural para garantir sua eficácia. Essas histórias apresentam uma espécie de caricatura que põe em evidência algo que precisa ser constantemente lembrado. No caso do tema que tratamos aqui, temos como elemento a cor da pele e, a partir dela, outros elementos são chamados a existência. A identificação por meio da cor aparece como um reconhecimento espontâneo e visível da diferença, porém Bhabha (1998, p. 123) explica que “o estereótipo é uma pré-construção ou uma montagem ingênua da diferença que autoriza a discriminação”. A estratégia de distinção da cor da pele foi tomada pelos colonizadores como princípio da diferença estabelecida entre eles e os povos colonizados.

No momento em que a *brincadeira* ou agressão verbal ocorre entre pessoas supostamente descendentes europeias e afrodescendentes, são convocadas ao cenário as relações vivenciadas no período colonial. Nesse instante, é novamente encenado o teatro que define bem o papel de cada um, o branco como superior e negro como ser diferente - inferior. Por isso, é necessário que as expressões racistas sejam desmascaradas e que seja do conhecimento do educando os jogos de poder e submissão, de supremacia e humilhação que se escondem por trás de tais expressões utilizadas de maneira banal dentro e fora das dependências da escola, em um contexto real ou virtual.

Cabe a escola, como lugar de preparação para cidadania, promover a reflexão acerca da prática de ações que, fazendo uso de chacota ou expressões agressivas, ferem o psicológico de indivíduos que têm – ou deveriam ter- sua dignidade resguardada por leis, princípios éticos e morais. Conhecer o outro, além de promover o

respeito para com o próximo, também abrange o conhecimento da cultura desses outros ou até mesmo identificar e conhecer as origens de elementos de nossa própria.

Conforme afirma Freire (1991, p.144) educação libertadora é a que satisfaz as necessidades educacionais de seus alunos para que eles possam estudar, aprender, crescer, e por fim exercer, com plenitude, sua cidadania. Dessa forma, conhecer a cultura dos povos africanos é desfazer a imagem da inferioridade desses povos, é compreender que a diferença não precisa estar acompanhada por um juízo de valor.

Relembramos que, para promover um conhecimento libertador, foi sancionada a Lei 10.639, assinada pelo Presidente da República em 09 de janeiro de 2003, que trouxe a obrigatoriedade, para as escolas brasileiras, de incluírem novos conteúdos em Literatura, podendo contemplar as literaturas africanas de língua portuguesa e afro-brasileira. Como podemos observar:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'. (BRASIL, 2003)

Assim, observamos a necessidade de acrescentar novos conteúdos e metodologias que incluam o conhecimento e valorização da cultura dos povos africanos para construção da cultura brasileira, como forma de superação do imaginário eurocêntrico que promove o preconceito racial.

Por isso, as atividades desenvolvidas durante o projeto também promoveram a percepção de estamos cotidianamente em contato com cultura afro-brasileira. Algumas propostas elencadas no projeto davam margem a reflexões sobre o lugar das tradições africanas no redesenho cultural da escola brasileira, como forma de conscientização de alunos e de professores de que o preconceito só pode ser

superado através da construção de um conhecimento esclarecedor e, conseqüentemente, libertador.

A proposta apresentada no projeto também acorda com os PCNs de História e PCN's Transversais que abordam a temática racial/étnica na “pluralidade cultural” e sugerem métodos para a realização de um ensino plural em termos étnico-raciais.

3. METODOLOGIA

As ações propostas a partir do projeto foram desenvolvidas na E.E.E.M.F. Obdúlia Dantas, localizada no município de Catolé do Rocha – PB, envolvendo a turma do 2º Ano B do Ensino Médio. A turma era composta por 31 alunos. Essas ações envolviam pesquisas com referências bibliográficas realizadas pelos educandos em que foram observados aspectos históricos sobre a composição da História da identidade dos povos africanos e afrodescendentes, assim como sua contribuição para a História do Brasil.

O trabalho que propôs pesquisas de caráter explicativo e interpretativo, buscando através da leitura, interpretação e debates, a compreensão da problemática que envolve a representação da identidade do africano e afro-brasileiro na historiografia mundial e brasileira, bem como no contexto escolar onde a pesquisa se desenvolveu. As atividades promoveram o debate sobre temas que seriam utilizados nas produções que envolveram uma diversidade de gêneros textuais.

As atividades aqui expostas também apresentam caráter crítico-analítico, pelo fato de haver pesquisas que envolvam a interpretação de textos históricos, filosóficos, textos de caráter argumentativos, textos literários, leis e expressões cotidianas que promoveram a compreensão de como a identidade do homem de cor foi construída ao longo do tempo e como é possível combater discursos racistas.

Além do caráter qualitativo dado a subjetivação na análise crítica de textos, o trabalho também envolve pesquisa de campo de caráter quantitativo, pois foram utilizados questionários para averiguação da hipótese de que o racismo está presente no contexto escolar, e que ele se revela em expressões cotidianas utilizadas dentro e fora do contexto escolar. O questionário envolveu a participação de cem alunos de turmas de 2º e 3º Anos do Ensino médio. Os resultados foram quantificados em porcentagem e analisados pelos alunos engajados na pesquisa e pela equipe orientadora.

Além das atividades orientadas na disciplina de Língua Portuguesa, houveram atividades planejadas para execução em outras

disciplinas como História, Geografia, Matemática, Biologia e Filosofia, o que atribui caráter interdisciplinar.

4. RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A proposta de construção de um projeto de intervenção pedagógica foi socializada com os alunos em abril. Em seguida, realizamos um debate, também conhecido como “Tempestade de Ideias” para que pudéssemos refletir sobre o tema adequado ao contexto histórico, social e cultural vivenciado.

Na ocasião, foram levantadas diversas problemáticas, mas a elegida pelos alunos foi o racismo, devido ao fato de haver a exposição de relatos de alunos sobre situações vivenciadas por eles ou por familiares, os casos trouxeram à luz uma série de discussões, entre elas, quais expressões podem ser interpretadas como racistas.

Entre os relatos que surgiram durante a discussão, estava o de uma aluna que presenciou uma situação que poderíamos enquadrar como uma prática de racismo. O relato tratava-se da chegada de um vizinho/amigo de seu pai à sua casa:

“Nosso vizinho bateu à porta e gritou:

_Tem homem em casa?

O pai da aluna respondeu:

Estou aqui! Já vou abrir.

E o senhor disse:

_Eu pensei que tinha um homem, mas é um negro”.

Essa situação ficou marcada na memória da aluna, que percebeu o constrangimento de seu pai diante da expressão do visitante.

Os alunos começaram a comentar sobre expressões que dizem e/ou ouvem de maneira banal dentro e fora das dependências da escola e que envolvem a identidade do indivíduo com características afrodescendentes. Nesse contexto, surge a problemática: Que expressões mencionadas cotidianamente constituem racismo e como é possível diminuir a utilização dessas expressões racistas?

A princípio, foram levados textos cômicos de diversos gêneros para leitura e discussão, entre eles, piadas e charges que continham discursos racistas. Durante os primeiros debates, os próprios alunos reconheciam as expressões e estereótipos racistas como algo verídico, ou seja, através dos discursos proferidos nos primeiros momentos, os alunos demonstravam que o racismo era algo em suas



expressões cotidianas e só percebiam a prática quando questionados.

A partir de então foram recolhidas sugestões de procedimentos metodológicos, mas, para que os alunos pudessem realizar a pesquisa e desenvolver uma proposta de melhoramento, foi necessário um trabalho de conscientização e sensibilização dos próprios alunos engajados no projeto para que compreendessem o que é e quais são as consequências do racismo.

Além da contextualização histórica realizada pela professora de História, houve também a exibição de vídeos com relatos pessoais, seguidos do relato da bolsista Mayrla, sobre situações em que ela sofreu constrangimentos por possuir características marcadamente afrodescendentes.

A contextualização histórica e os relatos promoveram a reflexão sobre os estereótipos do homem negro construído ao longo do tempo e o que eles significavam e significam até hoje. Essas ações foram reforçadas pelas leituras e interpretações de textos que visavam desenvolver a criticidade e a sensibilidade dos alunos em relação à problemática do racismo e depoimentos dos próprios alunos que foram vítimas de racismo, eles mencionaram situações vivenciadas e descreveram seus sentimentos em relação a tais situações.

Como o projeto também estava, principalmente, engajado na disciplina de Língua Portuguesa, ocorreu a interação entre a temática, o reconhecimento, a leitura, a interpretação e a produção de diversos gêneros textuais relevantes para o desenvolvimento das habilidades e competências linguísticas dos alunos.

Um dos textos trabalhados em sua leitura e interpretação foi o artigo veiculado pela revista *Isto é*: *Racismo à brasileira*, que abordava relatos de racismo que chamavam a atenção para os perigos e dificuldades de se combater um racismo *maquiado* por brincadeiras e expressões cotidianas, tomando como base a substituição do casal que apresentaria a abertura do evento Camila Pitanga e Lázaro Ramos pelos atores Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert. Essa atividade levou os alunos a refletirem sobre o questionamento: “ainda existe racismo no Brasil?”.

Entre os textos analisados, estavam as leis que punem a prática de racismo, para que os educandos entendessem que o racismo rompe com valores morais, éticos e com regras legislativas também. Entre os vídeos exibidos estava “Ninguém nasce racista” vídeo produzido para campanha Criança Esperança do ano de 2016. Houve também a interpretação de charges e textos literários, entre eles os livros “Negrinha” de Jean-Christophe Camus (roteiro) e Olivier Tallec (desenhos) e “O Racismo



explicado aos meus filhos”, escrito por Nei Lopes A leitura destes foi realizada na biblioteca da escola.

Além da disciplina de História e das aulas orientadas pela equipe responsável pelo projeto, também foram designadas aulas a serem ministradas por professores titulares especialistas de outras disciplinas como: Biologia, que abordou questões genéticas que desmistificavam teorias científicas racistas desenvolvidas a partir do século XVII, criadas para justificar o poder colonial, com a professora Danielle Alves, bem como esclarecimentos filosóficos relacionados ao racismo, realizados pelo professor filósofo Gildevan Dantas. O projeto também estabeleceu vínculo com a disciplina de Geografia, mostrando dados reais de aprendizagem dentro do contexto, aferidos na avaliação realizada sobre o tema que também compõe a grade de conteúdo da referida disciplina.

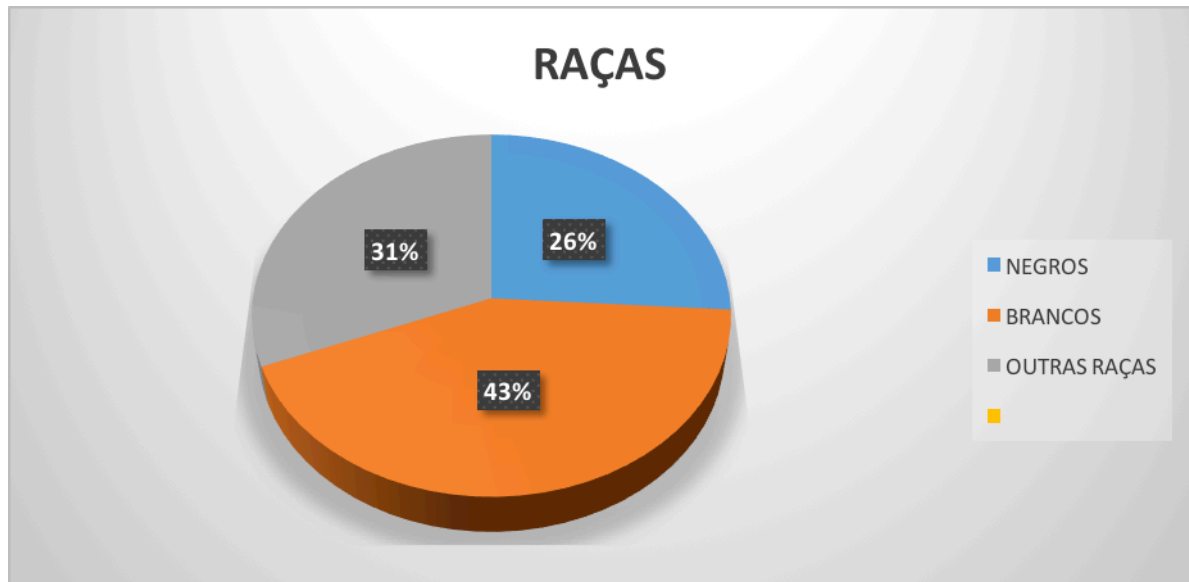
Após a realização das atividades voltadas para promoção do debate e da pesquisa bibliográfica: interpretação, produção e debates sobre a temática, foi solicitado aos alunos engajados que realizassem observações no contexto escolar e colhessem a informação sobre quais expressões consideradas racistas são mais utilizadas entre os alunos nas dependências da escola.

A partir das informações coletadas foi elaborado um questionário que, além de mencionar as expressões, também buscavam identificar a participação dos alunos como locutores dos enunciados racistas e o nível de conhecimento relacionado a lei que pune essa prática. Os resultados foram analisados e debatidos em sala de aula.

Após a coleta, a transformação dos dados em percentuais para construção dos gráficos contou com a ajuda do professor titular de Matemática, que revisou as fórmulas e orientou a aplicação aos dados coletados.

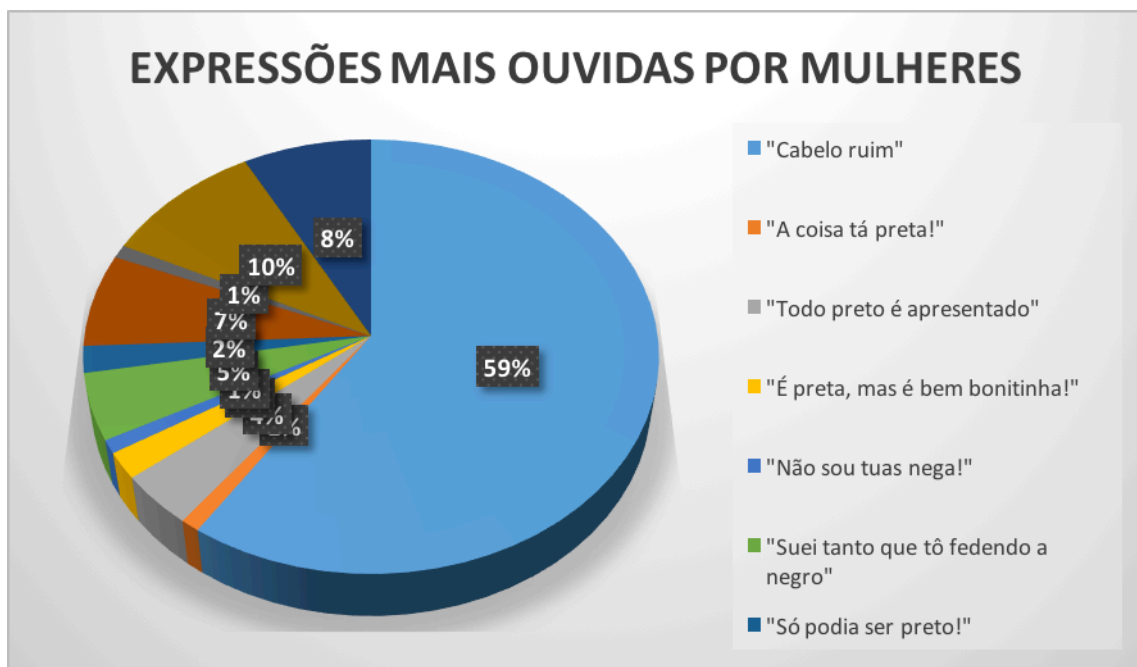
Seguimos com a orientação dos gráficos e slides para a exposição da pesquisa, que ocorreu nas dependências da biblioteca. Devido a extensão da pesquisa, apresentaremos apenas alguns dos gráficos obtidos com os questionários realizados pelos grupos de trabalho, bem como, de forma resumida, análises de alguns resultados:

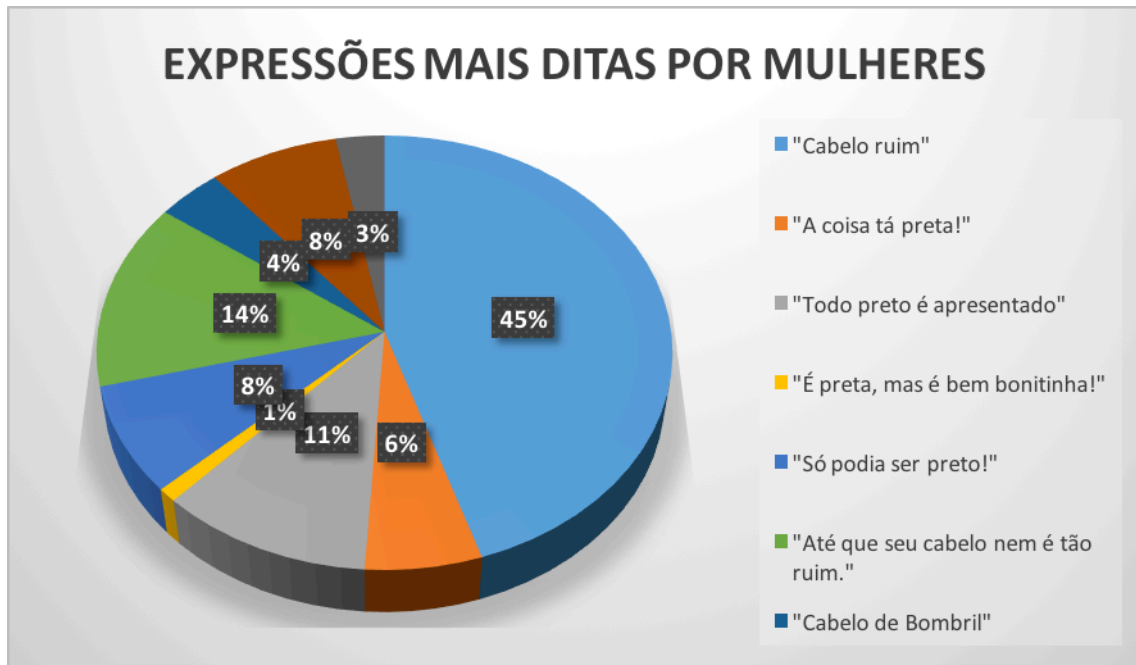
Quanto à raça:



Observou-se que a maioria das pessoas entrevistadas se auto-intitulam brancas.

Outros gráficos revelam as expressões racistas coletadas em diálogos informais nas dependências da escola e, posteriormente, submetidas aos alunos através dos questionários aplicados.





No contexto das respostas, os alunos perceberam que as expressões racistas mais ditas e ouvidas pelas mulheres está diretamente ligada a questões estéticas, mais especificadamente ao cabelo. Alguns grupos estabeleceram os comparativos entre sexo, outros entre cor e outros entre faixas etárias.

Os dados foram transformados em análises apresentadas em forma de seminário. Durante as apresentações, novas interpretações, análises e inferências foram surgindo com o debate e enriquecendo cada vez mais a exposição. Os seminários também expunham elementos relevantes para o reconhecimento da cultura afro-brasileira em nosso cotidiano, entre os quais estavam, vocabulário, comidas típicas, danças e manifestações religiosas.

Apesar da dificuldade por parte dos alunos na produção dos gráficos referentes a pesquisa de campo, percebemos que os resultados os fizeram perceber que o racismo é algo presente no seu cotidiano e que eles, enquanto pesquisadores do assunto, devem ser divulgadores do conhecimento que desfaz o mito do estereótipo racial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das atividades realizadas em sala e da pesquisa de campo desenvolvida, percebemos uma postura de mudança dos alunos no que se refere a questões abordadas no projeto, seja sobre a reflexão acerca de expressões cotidianas, do respeito manifesto através da linguagem, do reconhecimento da igualdade racial, seja pelo fato de aceitarem novos desafios no que concerne as dificuldades referentes à





interpretação de texto verbal ou não-verbal, matemático ou digital.

Acreditamos que, com este trabalho, está sendo cumprido, em parte, o papel da escola de formar cidadãos críticos, livres da ignorância e, conseqüentemente, do preconceito, bem como aptos a desenvolverem habilidades e competências nas disciplinas trabalhadas. Dessa forma, as atividades mostram-se relevantes, posto que promovem o aprender a ser, a conhece, a fazer e a conviver, pilares que funcionam como bases para a educação.



6. REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. (Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glauca Renate Gonçalves). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. Decreto n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003. **IPI incidente sobre as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: janeiro 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm> acesso em 20/04/2017

BRASIL. Decreto n. 7.716, de 05 de janeiro de 1989. **IPI os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor**. Brasília, DF: janeiro 1989. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm> acesso em 20/04/2017

FANON, Franz. **Pele negra máscaras brancas**. (Trad. Renato da Silveira). Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

